

INVISIBILIDADES NO ÂMBITO DO TRABALHO DE LIMPEZA: UM ESTUDO EM UMA INSTITUIÇÃO FEDERAL DE ENSINO SUPERIOR

Daiane de Lourdes Martins¹

Diego Luiz Teixeira Boava²

Fernanda Maria Felicio Macedo³

Jussara Jéssica Pereira⁴

1. INTRODUÇÃO

O trabalho de servente de limpeza, muitas vezes, é negativamente representado como uma profissão pejorativa. Algumas dessas percepções negativas são expressas nas situações de rebaixamento social, humilhação pelo qual trabalhadoras e trabalhadores passam por não constituírem o quadro efetivo de uma organização, sobretudo em uma instituição de ensino superior (Souza, 2011). Exclusão e tratamento desigual nas organizações são alguns dos aspectos perversos que estes trabalhadores são

¹ Bacharela em Administração pela Universidade Federal de Ouro Preto. . <http://lattes.cnpq.br/863776048302395>. . <https://orcid.org/0000-0003-3779-1929>. turop@bol.com.br. Endereço para correspondência: Universidade Federal de Ouro Preto, Departamento de Administração. Rua do Catete, 166, Centro, Mariana, MG, Brasil. CEP. 35420-000. Telefone: (55 31) 35573835.

² Doutor em Administração pela Universidade Federal de Lavras. Professora Adjunta da Universidade Federal de Ouro Preto. <http://lattes.cnpq.br/0016302710993131>. <https://orcid.org/0000-0003-2112-6377>. profboava@yahoo.com.br.

³ Doutora em Administração pela Universidade Federal de Lavras. Professora Adjunta da Universidade Federal de Ouro Preto. <http://lattes.cnpq.br/2073267859492923>. <https://orcid.org/0000-0003-2815-6771>. profamacedo@yahoo.com.br.

⁴ Doutoranda em Administração de Empresas Fundação Getulio Vargas. <http://lattes.cnpq.br/5183872724325052>. <https://orcid.org/0000-0003-3202-8414>. jussarapira@hotmail.com.

submetidos. Aspectos de servidão e subalternidade foram percebidos nas formas como estudantes, funcionários e usuários das instituições de ensino superior tratavam as trabalhadoras e trabalhadores do setor de limpeza (Souza, 2011).

Por promoverem um local acolhedor, no qual as pessoas sentem-se confortáveis em permanecer, as atividades ligadas à higienização de espaços públicos de convivência são relevantes para o bom funcionamento da organização. Além disso, as relações sociais, de trabalho e demais manifestações de encontro, aprendizado, são beneficiadas quando se pode desfrutar de espaços limpos. Todavia, apesar de existir uma valorização da limpeza em espaços de convivência públicos não se pode afirmar o mesmo com relação à valorização deste do trabalho do profissional da limpeza.

As pessoas desejam permanecer em ambientes limpos e higienizados, mas não atribuem valor ao executor da limpeza. Esse trabalhador, geralmente mulher, é significado com um ser com pouca instrução e oportunidade de crescimento profissional, pois do contrário não estaria realizando uma atividade tida como desqualificada. Dessa forma, limpeza é socialmente almejada e observada pelos usuários do serviço, no entanto, as executoras passam despercebidas. São lembradas somente quando necessário for a higienização de algum objeto ou espaço. Pode-se pontuar que o trabalho é significativo, mas o trabalhador não.

No ano de 2015, com a paralisação dos empregados terceirizados da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), por duas semanas, observou-se a importância destes profissionais. Diante dos banheiros entupidos, sentimento de insegurança, entre outras consequências da paralisação de faxineiros, seguranças e porteiros, ocorreu a visibilidade desses profissionais, outrora invisíveis no funcionamento cotidiano da universidade. Os usuários dos serviços notaram a importância desses trabalhadores, com funções “braçais”, essenciais ao adequado funcionamento das funções “intelectuais” (Dantas & Seto, 2015).

Nesse cenário, no presente trabalho elencamos a seguinte problemática: como a invisibilidade é socialmente construída no âmbito do trabalho de limpeza em uma Instituição Federal de Ensino Superior? O objetivo é analisar teórico e empiricamente como é construída a invisibilidade no contexto do trabalho de limpeza nas organizações, de modo específico, instituições de ensino superior. A relevância deste trabalho é contribuir para o entendimento do fenômeno de invisibilização socioprofissional nas organizações de modo geral.

Para o desenvolvimento da ideia proposta foram realizadas entrevistas de caráter semiestruturado com oito mulheres atuantes em cinco unidades acadêmicas de uma Universidade Federal no setor de limpeza, uma vez que não foram encontrados homens que ocupavam cargos ligados à faxina. Os dados transcritos foram interpretados por meio da análise de conteúdo.

O trabalho está estruturado, além das partes de introdução e conclusão, em quatro eixos centrais de discussão. Primeiramente, tem-se uma revisão de literatura acerca da invisibilidade social no trabalho, segundo invisibilidade no setor de limpeza e faxina e terceiro revisa-se o trabalho terceirizado e precarização no setor de limpeza. Ambas as revisões servem para nortear e embasar a análise dos dados coletados. Na sequência, tem-se o percurso metodológico adotado para realização da pesquisa. Por fim, está a apresentação e a análise dos dados.

Portanto, espera-se que essa investigação acerca do trabalho de invisíveis evidencie e atribua voz às percepções das trabalhadoras da faxina, sempre relegadas a um posicionamento social inferior e submisso.

INVISIBILIDADE SOCIAL NO TRABALHO

A palavra “invisível” tem sua origem etimológica no latim *“invisibilis, e ‘id. ‘”*, trata-se de um adjetivo que tem a função de qualificar aquilo que por sua natureza não tem visibilidade ou não corresponde a uma realidade sensível. Por outro lado, o termo “invisibilidade”, na forma de substantivo masculino denomina o estado de seres animados ou inanimados, concretos ou abstratos na condição de não ser visível (Houaiss, Villar & Mello Franco, 2001).

No entanto, sob uma perspectiva socioantropológica, a invisibilidade tem relação direta com o social (Rodrigues, 2009). Ser invisível tende a significar ser inexistente ou insignificante (Tomás, 2008). O resultado é um sentimento de invisibilidade provocado pelo não-reconhecimento de outrem, seja por marcadores sociais de cultura, classe social, status, poder ou hierarquização. Desta forma, a invisibilidade pública é uma construção social e psíquica que tem a força de desencorajar expressões corporais dos humanos “invisibilizados”, pode abafar a voz, baixar o olhar, endurecer o corpo e os movimentos (Costa, 2008).

Acreditamos que a invisibilidade perpassa pela divisão social do trabalho, mas vai além, ela é um fenômeno que se estende às relações sociais como um todo (Rodrigues, 2009). Por exemplo, uma das formas de tornar alguém invisível é projetar sobre este alguém alguma representação (Diniz, Carrieri & Barros, 2013), estigma (Costa, Fonseca & Oliveira, s. d.) que decorre principalmente do preconceito ou da indiferença. Feito isto, a pessoa anulada torna-se invisível por tudo aquilo que representa. Ignora-se o sujeito enquanto alguém carregado de subjetividade. Tudo o que é singular desaparece, “o estigma dissolve a identidade do outro a substitui pelo retrato estereotipado e a classificação que lhe impomos (Vilhena, Zamora & Rosa, 2011, p. 36).

No âmbito do trabalho, a invisibilidade está relacionada ao desaparecimento simbólico de um indivíduo pobre ou que possui profissão com baixa qualificação escolar ou técnica (Costa, 2004; Saraiva, 2005). Para Nobert Elias (1994) a sociedade é formada por indivíduos e por eles reconhecida como tal, ambos são conjuntamente formados. O autor explora o que poderia acontecer se um homem da sociedade contemporânea fosse transportado para uma outra época de sua sociedade. Para o autor, possivelmente, o homem poderia encontrar um modo de vida diferente: com hábitos, costumes e ações, muitas vezes díspares do que hoje entende-se por adequado e aceitável. Desta forma, o homem poderia considerar que, para ele, aquela sociedade não é civilizada.

A nossa proposta, não é limitarmos à ideia de indivíduo, de certa forma trabalhada por Elias (1994), mas trabalhar com aquilo que ele pontua como processo civilizatório e modo de vida. A perspectiva de sujeito no qual nos concentramos é aquele que estabelece relações dialógicas e tem necessidade de ser visualizado. Um sujeito historicamente situado por suas determinações sociais. Aquele que vivem em sociedade, assimila normas, regras, valores, comportamentos do grupo ou classe social ao qual pertence. Aquele que por meio do *habitus* desenvolve a sua visão de mundo e pelo qual percebe e julga sua realidade (Bourdieu, 2015).

Costa (2008, p. 10) pontua que a invisibilidade pública é uma “espécie de desaparecimento psicossocial de um homem no meio de outros homens”. Um processo histórico das sociedades capitalistas, no qual rebaixa-se a percepção de outrem, sobretudo aqueles que possuem trabalhos menos qualificados. Em “Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social”, Costa se vestiu de gari na cidade universitária da USP e não “foi enxergado por amigos, colegas e professores que haviam estado com ele apenas algumas horas antes” (Saraiva, 2005, p. 244).

O que chamamos de invisibilidade social no âmbito do trabalho, tem relação com o atual modo de vida e consumo de bens materiais. Ele se relaciona, com o modo pelo qual os trabalhadores das profissões desprovidas de status, glamour, reconhecimento social e alta remuneração social são “invisibilizados”. Dessa forma, trabalhadores braçais ou que executam tarefas marginalizadas, mas imprescindíveis à sociedade moderna, passam a ser assumidos como inferiores pelos mais variados motivos (Celeguim & Roesler, 2009).

Invisibilidade no setor de limpeza e faxina

Ordinariamente a divisão social do trabalho faz com que certos tipos de trabalhadores sejam considerados invisíveis, como aqueles que fazem limpeza (garis, faxineiras etc.). Isso decorre da questão da indiferença, do preconceito ou da alienação, sendo dirigidos aqueles trabalhadores à margem da sociedade. Hughes (1951; 1958; 1962) usa o termo “trabalho sujo” em referência às funções subalternas, desprestigiadas e com pouca visibilidade social. Dessa forma, o trabalho sujo transforma o seu executor em um “trabalhador sujo”.

Nesse sentido, Ashforth e Kreiner (1999, p. 413) observam que, “da mesma forma que o trabalho sujo tem sido marginalizado na sociedade, ele também é negligenciado na literatura organizacional”. Portanto, é comum encontrar na Administração pesquisas sobre as vivências subjetivas e as percepções de trabalhadores que ocupam posições de elevado *status* nas organizações. Já os subalternos, que ocupam níveis mais baixos, não recebem a mesma atenção (Caieiro, Carvalho Neto & Guimarães, 2016).

Destaca-se nessa discussão que aspectos morais e/ou valorativos existentes no trabalho sujo não necessariamente coincidem com aspectos psicológicos, no sentido de que haverá um ser implicado na sua consecução, dentro de um contexto coletivo de trabalho (Bendassoli & Falcão, 2013). Tal sujeito, no caso deste artigo, é o trabalhador

da limpeza e da faxina, terceirizado e precarizado, prestador de serviços em uma Universidade Federal.

Bosmans *et al.* (2016) observam que o trabalho de limpeza pode ser percebido como “trabalho sujo” por estar associado ao manuseio de sujeira, baixo prestígio ocupacional e os trabalhadores terem um relacionamento servil com seus clientes/empregadores. Esse estigma afeta negativamente o trabalhador. Os autores fazem uma pesquisa com 43 empregados domésticos, sendo 42 mulheres e um homem para verificar as estratégias de enfrentamento que moderam a relação entre o estigma do trabalho sujo e o senso de identidade dos trabalhadores.

Recio e Godino (2011) analisam a qualidade do emprego no setor de limpeza na Espanha, destacando a questão da invisibilidade dos trabalhadores. Essa invisibilidade social é explicada pela convergência de pelo menos três elementos: 1) feminização deste tipo de trabalho; 2) atividade auxiliar; 3) atividade que interfere no funcionamento normal das organizações. Em primeiro lugar, a limpeza é vista como uma extensão do trabalho doméstico, tradicionalmente realizada por mulheres. É percebida como uma função comum e que requer pouca ou nenhuma habilidade intelectual. Em segundo, a limpeza é necessária para o funcionamento das instalações, mas não faz parte das principais atividades das organizações. E terceiro, é uma atividade que interfere no funcionamento das organizações, impedindo, muitas vezes, o normal funcionamento das rotinas. Portanto, costuma ser programada para não coincidir com atividades cotidianas e é invisível para os demais membros das organizações.

No processo de invisibilidade, o sujeito é considerado como parte da paisagem. O fato de vê-lo repetidamente cumprindo suas tarefas o despersonaliza, enxerga-se somente a função, não a pessoa. Os sujeitos passam a serem vistos como ferramentas. Esvazia-se o homem para em seguida preenche-lo de protocolos, como uniforme, ferramentas de

trabalho etc. (Costa, 2008). Pessoas que executam tarefas reconhecidas como menos nobres, são submetidas, frequentemente, a um tratamento humilhante em função do preconceito de classe social, ainda muito presente nas empresas e organizações públicas brasileiras (Alcadipani, 2012).

Carreiro (2003) observa que certas dimensões do sofrimento social (humilhação, vergonha, falta de reconhecimento) vivido por categorias subalternizadas não tem visibilidade; ele se inscreve no interior das subjetividades sem, no entanto, ser compartilhado coletivamente. Isso ocorre em cenas públicas, sendo que as pessoas se sentem desvalorizadas e diminuídas e, raramente, compartilham tais sentimentos.

No caso dos trabalhadores da limpeza, a situação se torna mais preconceituosa. Mendes (2009) assinala que a visão de que o lixo significa o dispensável, a imundice, a sujidade, o que não se quer mais, o que deixa um local feio, mal cheiroso e contaminado é transferida como adjetivos para as pessoas que trabalham nessa ocupação, e de alguma maneira representam aqueles desprezados. Isso produz um ato discriminatório, assim como o preconceito também pode gerar um ato de discriminação, de segregação.

Inclusive Sawaia (2002) observa que historicamente a atividade de limpeza é considerada como inferior, sem valor, um tipo de "apêndice inútil da sociedade". Nesse sentido, o outro se torna invisível não porque a visão do outro seja acontecimento secundário, formado *a posteriori*, mas sim por causa da máquina social e da máquina inconsciente que se interpõem entre as pessoas e impedem a irrupção do que vem por si mesmo (Gonçalves Filho, 1998).

Boris Casoy (então apresentador do Jornal da Band – TV Bandeirantes), por exemplo, ao final de uma reportagem especial em 2009, disse: *"Que merda! Dois lixeiros desejando*

felicidades do alto das suas vassouras. O mais baixo na escala do trabalho". Tal fala revela e cristaliza o preconceito existente em relação aos trabalhadores da limpeza.

O trabalho de faxina é duplamente desvalorizado, não só porque é uma tarefa classificada como braçal, mas porque também expõe o corpo do indivíduo a elementos poluídos. Por exemplo, a mulher que faz faxina curva-se sobre vasos sanitários e com um escovão esfrega os contornos, ao inclinar-se sua cabeça vai junto com o seu campo sensorial, no interior da sala ela é ágil e atenta para não "verter água em livros, computadores, telefones sem fio, ventiladores e tapetes" (Morales, 2010, p. 6).

Nunes (2014) analisando a literatura sobre o tema, demonstra que existe uma identidade social negativa, invisibilidade e a humilhação social a trabalhadores do setor de limpeza. Assim, não há reconhecimento nem pela instituição em que o trabalhador presta serviços, nem pelo valor econômico e utilitário de seu trabalho, nem ainda pelos próprios pares. Tal invisibilidade acarreta exclusões de toda ordem, relacionadas principalmente com a falta de reconhecimento. Na próxima seção, discute-se a questão do reconhecimento nos trabalhos terceirizados (como é o caso das faxineiras) e a precarização de seu trabalho.

Terceirização e precarização no setor de limpeza

A atividade de limpeza na Universidade investigada é terceirizada. Isso significa que as trabalhadoras que se ocupam do ofício da faxina não estão vinculadas a ela, mas sim a uma empresa particular. Segundo o estudo *Terceirização e Desenvolvimento*, no Brasil há 12,7 milhões de trabalhadores terceirizados, ante 47,4 milhões de trabalhadores não terceirizados. A remuneração média dos terceirizados é de R\$ 1,776,78, com jornada de 43h, já os não terceirizados recebem em média R\$ 2,361,14, com jornada de 40h (DIEESE/CUT, 2014).

Severo (2015) ao analisar a temática, observa que a terceirização não é algo novo, mas aquilo de Marx se referia à prática comum de introdução de “atravessadores” na relação entre capital e trabalho. Diante disso, ocorre a precarização e maximização da exploração do trabalho. Nas organizações contemporâneas, a terceirização é entendida como uma técnica administrativa que diminui o quadro de funcionários e funções da empresa, repassando atividades. Ainda de acordo com Severo (2015) trata-se de uma máscara, quando na verdade o vínculo de trabalho segue obedecendo ordens semelhantes. Mesmo que existam diferentes formas para nomear tomador de serviços, empresa cliente, prestadora, terceirizados, as empresas não conseguem desonerar a total responsabilidade pelo vínculo. A empresa prestadora não passa de uma “intrusa na relação de emprego, mera intermediária da mão-de-obra, enquanto a suposta “tomadora” é o verdadeiro empregador, que aparece ‘mascarado de ‘empresa cliente’” (Severo, 2015, p. 171).

Já Godoy, Mascarenhas e Pinto (2007), analisando a questão no serviço público, observam que os trabalhadores da limpeza são pessoas humildes que se encontram numa camada baixa da pirâmide social, sendo desvalorizados de diversas maneiras no dia a dia. Assim, os demais membros da sociedade dirigem a eles um tratamento de desvalorização que se manifesta pela indiferença e que pode chegar ao destrato com palavras e ações.

A terceirização nas universidades públicas é um exemplo da perversidade das formas legais de subcontratação. Trabalhadores terceirizados dos serviços de vigilância e limpeza têm entrado em greve frequentemente. Eles protestam contra o atraso de salários, não pagamento de 13º e de férias; neste momento se tornam visíveis para a sociedade e para as universidades. Diante da paralização falta a limpeza, a vigilância e isto inviabiliza a prestação de qualquer serviço público, seja na educação ou saúde, forçando a paralização destas instituições. Trata-se de um círculo vicioso da precarização do trabalho dos terceirizados nas instituições públicas (Druck, 2013).

Em um ambiente de trabalho em que convergem trabalhadores efetivos e terceirizados, como no caso do serviço público, as tensões são ocasionadas pela hierarquização das relações. Os serviços de limpeza são vistos como atividades simples que não requerem maiores investimentos de qualificação profissional, sendo seu trabalho considerado menos importante, considerados trabalhadores de segunda classe (Chaves, 2014). Os estudos sobre a temática são variados, mas eles apontam para a questão da precarização do trabalho, exclusão e invisibilidade.

Souza (2011) realiza sua pesquisa com 21 faxineiras e sete faxineiros de três Instituições de Ensino Superior, duas na cidade de Goiânia-GO, uma pública e outra confessional e uma instituição pública na cidade de Campinas-SP. Suas considerações apontam que há semelhanças no que se refere à migração, à pobreza e ao início precoce ao trabalho. Os homens em sua maioria são solteiros e sem filhos, já as mulheres possuem mais de dois filhos e são chefes de família ou casadas. Ademais, naturalizam a divisão sexual do trabalho, destacando trabalhos para homem e para mulheres.

Souza (2012) entrevistou 87 trabalhadores, sendo 63 mulheres e 24 homens, em oito áreas da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Esse autor afirma que o agravamento do processo de precarização do trabalho resulta na discriminação que sofrem alguns trabalhadores do setor de limpeza, devido à representação social que esse trabalho possui na sociedade. Há constrangimento em circular em determinados espaços junto com servidores e dificuldade em estabelecer uma relação cordial com usuários de seus serviços.

Já Cunha (2015), pesquisou os impactos objetivos e subjetivos da terceirização sobre trabalhadores que atuam no setor de limpeza em escolas estaduais no município de Marília-SP. Foram 04 faxineiras entrevistadas, observando-se que ocorre a naturalização das situações de humilhação e preconceito, devido ao receio que as trabalhadoras possuem de demissão. Assim, suportam e interiorizam tais situações.

Por meio da história oral, Duarte (2015), entrevista duas trabalhadoras terceirizadas da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, revelando um constante assédio moral, com preocupações com adoecer, se submeter ao trabalho de forma incessante, envelhecer e ser substituída por pessoa mais nova etc.

Azevedo (2015) e Alvarez e Azevedo (2016) afirmam que há pequeno número de estudos sobre terceirização do trabalho feminino na área de limpeza no serviço público federal. A partir de tal constatação, investigam as condições de trabalho e saúde das mulheres que prestam serviços terceirizados na área de limpeza na Universidade Federal Fluminense, no Polo Universitário de Volta Redonda. Para tal, realizam entrevistas com 21 mulheres, demonstrando que é um trabalho muito assemelhado ao trabalho doméstico, de pouca visibilidade, precarizado, com baixos salários e desvalorizado pela sociedade.

De forma quali-quantitativa, Irber (2016), realiza seu estudo na Universidade de Brasília – UnB. No local o serviço de limpeza é feito por 522 pessoas, sendo 326 mulheres e 196 homens. A autora aplicou 89 questionários exclusivamente às mulheres, em três campi. Suas conclusões são que as práticas laborais executadas são precárias e violentas para com as trabalhadoras, acarretando prejuízos pessoais, não reconhecimento e falta de qualidade de vida no trabalho, resultando em constrangimentos e humilhação às trabalhadoras.

Ferreira (2016) analisou questões ergonômicas relacionadas ao trabalho de 13 mulheres do setor de limpeza em uma unidade acadêmica de uma Universidade Pública de Minas Gerais. Questões como cortes de pessoal, instauração de clima organizacional danoso à saúde psíquica das funcionárias, falta de materiais de trabalho, ausência de benefícios e de suporte quanto ao treinamento, à segurança e à saúde no trabalho foram destacados.

Ao estudar trabalho e terceirização na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Silveira *et al.* (2016) observaram que são 15 faxineiras, sendo a terceirização representante de uma vivência social excludente, pois as trabalhadoras não são beneficiadas da mesma forma que os outros funcionários. Ademais, são tratadas de forma desvalorizada; para alguns usuários de seus serviços são vistas como inferiores entre os grupos que compõem a estrutura organizacional da Faculdade, sendo assim estariam abaixo dos alunos, professores e servidores, o que faz com que se sintam excluídas.

Tais estudos revelam a predominância de mulheres no setor de limpeza, o que revela ser a atividade relegada a elas como falta de opção. Apesar da crescente participação das mulheres no mercado de trabalho nos mais diferentes setores, é elevada a persistência de nichos de trabalho femininos apontando para uma divisão sexual do trabalho, a exemplo da permanência do trabalho feminino em ocupações como o trabalho doméstico, em áreas da saúde, educação, serviços entre outros. Assim, o setor de limpeza é uma ocupação com grande predominância do trabalho feminino, principalmente em virtude de ser uma atividade diretamente relacionada ao trabalho doméstico (Souza, 2010).

Nesse sentido, Chillida e Cocco (2004) demonstram que o trabalho executado no serviço de higiene e limpeza gera grande desgaste físico e é acrescido (para a mulher), das atividades da casa e o cuidado com os filhos. Desse modo, a limpeza e a higiene terceirizadas são trabalhos considerados precários, por serem instáveis e por apresentarem condições também precárias quanto à qualificação e categorização do emprego, remuneração, ambiente físico e clima psicológico, e, portanto, adversas à saúde do trabalhador (Carloto, 2003).

Lykawka (2013), analisando a relação interpessoal entre funcionários terceirizados e funcionários efetivos em uma Universidade Pública (sob a ótica dos terceirizados) em

termos de valorização, pertencimento, reconhecimento, assinala: a) aqueles que se têm como atuando em função privilegiada (motoristas e vigilantes), têm um sentimento de valorização alto e se declaram satisfeitos; b) aqueles que atuam como porteiros e recepcionistas sentem-se valorizados e respeitados; c) os funcionários da limpeza são os mais afetados, em decorrência, tanto da atividade, quanto da indumentária. O uniforme constitui-se em fator que reflete negativamente em sua autoestima, tanto quanto a atividade relacionada à limpeza.

Souza (2011) observa que o processo de terceirização acarreta redução dos salários e de benefícios. No setor de limpeza, as mulheres ocupam o maior número de postos de trabalho, sendo possível evidenciar as desigualdades de gênero e a maior presença das mulheres em ocupações de baixa qualificação, baixos salários, pouco reconhecidas socialmente e precarizadas.

Na próxima seção apresenta-se o percurso metodológico utilizado.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa pode ser classificada como exploratório-descritiva, de caráter qualitativo. E teve como objetivo analisar teórico e empiricamente como é construída a invisibilidade no contexto do trabalho de limpeza nas organizações, de modo específico, instituições de ensino superior.

No que se diz respeito ao percurso metodológico, optou-se pelo estudo de caso, já que se analisa o fenômeno da invisibilidade como unidade de categoria analítica nas relações estabelecidas em uma instituição federal de ensino superior. Yin (2005), afirma que o estudo de caso é uma pesquisa que investiga um fenômeno atual dentro de seu contexto de realidade, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas.

Para a coleta de dados entrevistou-se oito mulheres que realizavam a limpeza no instituto federal pesquisado. Apesar do contexto de estudo, bem como a literatura em invisibilidade no trabalho de limpeza indicar uma predominância de mulheres neste tipo de trabalho, neste artigo não foi realizado um recorte por gênero. Ressalta-se que, isto tem relação com o foco do artigo ser o fenômeno da invisibilidade como unidade de categoria analítica nas relações estabelecidas em uma instituição federal de ensino superior, independentemente de o trabalho ser executado por mulheres ou homens.

Com o auxílio de um roteiro semiestruturado, as entrevistas foram realizadas, gravadas e posteriormente transcritas por um dos autores. No processo de análise, foi assegurado o anonimato das depoentes. Ademais, só foram entrevistados aqueles que gostariam de expressar suas opiniões a respeito da forma como eram reconhecidos pelos alunos, professores e técnicos administrativos. Sendo este o critério utilizado para selecionar os entrevistados.

Foi esclarecido aos participantes que se tratava de uma pesquisa de percepção - consulta verbal de caráter pontual, realizada por meio da metodologia qualitativa e análise de conteúdo. As participantes foram convidadas a expressarem suas avaliações e opiniões sobre de ser uma trabalhadora da limpeza em uma Universidade.

Ademais, todos os respondentes deram anuência, livres de simulação, fraude, erro ou intimidação de quaisquer espécies, após esclarecimento sobre a natureza da pesquisa (elaboração de artigo), sua justificativa, seus objetivos, métodos, potenciais benefícios para esclarecimento do fenômeno e riscos (possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural do colaborador, em qualquer etapa da pesquisa e dela decorrente).

ANÁLISE DOS DADOS

No momento da análise as entrevistas receberam um código de L01 a L08, conforme ordem de análise. Nesta pesquisa os dados foram analisados a partir da técnica de análise de conteúdo. Tal procedimento consiste em um conjunto de técnicas de análise de comunicações, com o objetivo de ultrapassar as incertezas e enriquecer a leitura dos dados coletados (Mozzato & Grzybovski, 2011). Busca-se então conhecer as características que estão por trás do que foi dito, em função dos sentidos estarem além do que se encontra explícito. Há, portanto, a necessidade de se considerar que as palavras ganham sentido a partir das formas em que são empregadas (Silva, 2008).

É um procedimento sistemático e objetivo de descrição do conteúdo das mensagens. Trata-se de uma técnica para analisar as comunicações e inferir conhecimentos relativos às condições de produção e recepção destas mensagens (Bardin, 2011). Campos (2004) observa que a fala humana é rica, apresentando uma visão polissêmica e valiosa, permitindo ao pesquisador uma variedade de interpretações. São os conteúdos manifestos (explícitos) que representam o ponto de partida. Todavia, nem sempre aquilo que se está escrito é o que verdadeiramente o respondente queria dizer. Nesse ponto observa-se que existe uma mensagem nas entrelinhas, onde nem sempre os significados são expressos com clareza absoluta, em que se acaba a objetividade e começa o simbólico. Na análise de conteúdo busca-se dessa maneira ir além do tecnicismo e do formalismo, que acabam por prejudicar a criatividade e a capacidade intuitiva do pesquisador.

Ao lidar com fenômenos humanos, com busca de significados, o entendimento sofre distorções. Assim, Olabuenaga e Ispizúa (1989) observam que: a) o sentido que se pretende expressar pode coincidir com o sentido percebido; b) o sentido do texto poderá ser diferente de acordo com cada leitor; c) um mesmo autor poderá emitir uma

mensagem, sendo que diferentes leitores poderão captá-la com sentidos diferentes; d) um texto pode expressar um sentido do qual o próprio autor não esteja consciente.

Não há leitura neutra; ela é interpretativa. Moraes (1999) afirma que os valores e a linguagem natural do entrevistado e do pesquisador, bem como a linguagem cultural e os seus significados, exercem uma influência sobre os dados da qual o pesquisador não pode fugir, sendo a análise de conteúdo uma interpretação pessoal dos fenômenos.

Nesta pesquisa o processo de análise foi composto por duas fases de categorização e análise de dados. Na primeira fase um dos autores prosseguiu com a leitura das entrevistas transcritas, separando as frases e informações em unidades menores de análise. As frases foram interpretadas e dispostas em categorias. Em seguida foram classificadas conforme o sentido atribuído no momento da análise. Após isso, as frases foram descritas e interpretadas à luz do referencial teórico. A segunda fase que é confirmatória, foi feita por outro autor que procedeu com a leitura das análises feita posteriormente. Nesta segunda fase, foram confirmadas as unidades de sentido, atribuindo-se uma conexão entre o quadro teórico, codificação e análise. Uma vez que os códigos foram gerados por meio de uma estratégia analítica dedutiva pelo autor 1, o sentido feito a partir dos dados coletados foram revisitados pelo autor 2 a partir de uma técnica indutiva. Feito isso, todos os autores discutiram conjuntamente e participaram na elaboração da pirâmide social do trabalho, na organização estudada.

Apresentação e análise de dados

Cada mulher colaboradora da presente investigação expressou-se de uma forma subjetiva, ou seja, à sua maneira, o relacionamento com o trabalho de limpeza desempenhado. Todavia, dessa subjetividade foi possível extrair alguns elementos comuns às experiências de vida dessas trabalhadoras. A partir desses pontos de

recorrência presentes nas suas falas, foi possível delinear um panorama da relação construída entre as faxineiras e seu trabalho.

A análise permitiu a identificação das unidades de sentido: a) o olhar que não vê; b) o uniforme que invisibiliza; c) a vassoura e o balde ao invés do livro.

a) O olhar que não vê

Nessa unidade de sentido observa-se um distanciamento em relação às faxineiras e os outros integrantes do círculo social. Por estar associado ao manuseio da sujeira, baixo prestígio ocupacional, os trabalhadores domésticos e do ramo de limpeza tem uma relação servil com os usuários de seus serviços. É um estigma que pode afetar negativamente o senso de identidade destes trabalhadores, pois seu trabalho é considerado como trabalho sujo (Bosmans *et al.* 2016).

As relações estabelecidas são mínimas, vê-se o trabalho de faxina como algo útil, mas despersonalizado. As trabalhadoras, relatam olhares de superioridade, e de não reconhecimento:

Alguns são até bem educadinhos, outro nem tanto; passam nem olham. [L01]

Acham que tem o rei na barriga. [L02]

Passam perto da gente finge que nem conhece. [L04]

Bem mal, muitos passam nem olham; como se passasse do lado de um cachorro. [L05]

Tomas (2008) e Costa (2008) argumentam que o sentimento de invisibilidade pode ser provocado pelo não-reconhecimento do outro, seja por marcadores sociais de cultura,

classe social, status, poder ou hierarquização. Sendo assim, no espaço social analisado (instituição federal de ensino superior), existe uma construção social e psíquica que desencoraja o outro, baixando o olhar sobre ele. Em outro momento da entrevista a entrevistada L04 assim como a entrevistada L05 faz a mesma comparação com um cachorro:

Há muitos que cumprimentam e outros não, passa junto igual passa perto de um cachorro de rua. [L04]

Tem gente que acha que somos sujeira também. [L05]

O termo “cachorro de rua” utilizado pela trabalhadora sinaliza a presença do ato discriminatório, de preconceito e segregação. A visão de que o lixo representa o que é dispensável, sujo, que ninguém quer mais passa a ser adjetivada aos trabalhadores desta ocupação (Mendes, 2009). Por conseguinte, as metáforas “cachorro de rua” “somos sujeira também” refletem aquilo que Hughes (1951) argumentou sobre o conceito de “trabalho sujo” ao se referir às tarefas e ocupações percebidas como repugnante ou degradante. Assim, pessoas que realizam trabalho sujo tendem a ser estigmatizadas pela sociedade como trabalhadores sujos. A sociedade projeta em tais pessoas características negativas associadas à ocupação delas (Bosmans *et al.*, 2016; Ashforth & Kreiner, 1999; Hughes, 1951).

b) O uniforme que invisibiliza

Uniformes, artefatos físicos, jargões e títulos indicam e dão significado às identidades ocupacionais (Ashforth & Kreiner, 1999). A presença de um kit de cateter e uniforme hospitalar, por exemplo, ajudam a distinguir um médico de um enfermeiro. A roupa (uniforme) representa a origem da exclusão. O tratamento diferenciado decorre das trabalhadoras usarem uniforme (calçado fechado, calça e camiseta padronizados). Aos

usarem tais uniformes tornam-se invisíveis. Os outros trabalhadores da Universidade vestem-se de forma casual (sem uniformes) e sem crachás, ou seja, eles misturam-se a todos, tendo um referencial identificador comum. Já as faxineiras destoam, assim como os vigilantes e outros terceirizados:

Como somos faxineiras e usamos essa roupa, eles se acham melhor que a gente [. . .] as pessoas tratam a gente diferente, acho que nem enxergam para falar a verdade. [L01]

Nós somos tratadas diferente aqui, ao verem nosso uniforme mudam o jeito. [L06]

No processo de invisibilidade os sujeitos podem ser vistos como ferramentas ou parte da paisagem (Costa, 2008). A rotina de limpeza, vassoura e balde na mão, que tem a obrigação de limpar, mas sem atrapalhar o funcionamento da organização despersonaliza o sujeito. Esvazia-se de sentido a profissão, para preenchê-la com conceitos prévios sobre seu uniforme, suas ferramentas de trabalho e sua escolaridade. Dessa forma, o uniforme é um fator que reflete negativamente na autoestima dos funcionários da limpeza, tanto quanto as atividades relacionadas à higienização dos espaços da Universidade Pública (Lykawka, 2013).

c) A vassoura e o balde ao invés do livro

O preconceito é ilustrado nesta unidade de sentido. Os usuários dos serviços de limpeza, muitas vezes, não querem ter contato com as faxineiras, olham-nas de maneira diferente, como se fossem inferiores:

O jeito de olhar, o jeito de se referir à gente, é diferente. [L08]

A gente que dá limpeza as pessoas olham meio torno, porque muitas das vezes não temos estudo. [L06]

Para Silveira (2016) faxineiras terceirizadas vivem, frequentemente, uma exclusão social. Além dessas trabalhadoras não serem beneficiadas da mesma forma que os outros funcionários, elas são tratadas de forma desvalorizada. São vistas como inferiores por alguns dos usuários de seus serviços, e são rebaixadas na composição da estrutura social da Faculdade. Estão, portanto, abaixo dos alunos, professores e servidores, o que faz com que se sintam excluídas.

Tem gente que nem senta perto de nós quando vê que fazemos limpeza [. . .] queria ver isso aqui só com eles sem a gente. [L01]

O trabalho da faxina é classificado como tarefa braçal, desvalorizado por expor o corpo do indivíduo a elementos poluídos (Morales, 2010). Há um tipo de segregação sócio-espacial, em que o lado que se acha superior se distancia das trabalhadoras. Isso decorre da visão da sujeira ser constituinte das faxineiras; então tais pessoas consideram as trabalhadoras a própria sujeira.

Os técnicos administrativos são mais mal educados que os professores e alunos juntos, querem tudo na hora, não esperam nada; quer que a gente larga o que está fazendo para limpar os laboratórios na hora que eles querem, são mal educados mesmo. [L01]

Acham que são patrão da gente, pedem e tem que fazer na hora, largar o que a gente está fazendo. [L05]

Historicamente, a atividade de limpeza é considerada como algo inferior, sem valor (Sawaia, 2012). Destaca-se que na Universidade pesquisada as trabalhadoras fazem uso dos restaurantes universitários, sendo esse local fonte de segregação, tanto por parte

dos alunos, professores e técnicos quanto por parte de outros terceirizados que servem a alimentação.

Eu que ficava para lavar os banheiro, elas usavam e tiravam o absorvente e passavam na parede e a gente tinha que lavar, os estomago até embrulhava de nojo. [L07]

Muitos dos usuários dos serviços de limpeza fazem questão de produzir sujeira e excrementos, espalhando-os. Trata-se de uma maneira velada de punição às faxineiras. Na mente de tais usuários, por estarem no que consideram o 'topo' da vida social, eles podem sujar que sempre haverá alguém subalterno para limpar. É, em muitos casos, uma reprodução da vida familiar, em que muitas vezes havia uma empregada doméstica em casa que sempre recolhia os brinquedos, dava banho, fazia comida e, principalmente, limpava a sujeira que tais pessoas produziam.

Não gosto, mas acho que não tem como você subir na vida, fica só nessa rotina, fica só nessa vidinha de sempre. [L03]

As faxineiras lidam com seu trabalho de maneira natural. Sabem o que fazem e o que representa na sociedade seu labor. Não obstante, não veem muitas possibilidades de mudanças, acomodando-se e cumprindo uma espécie de determinismo, em que seus papéis já estão designados e que têm que cumprir. Isso é revelador da atitude natural, um modo de viver sem grandes reflexões, como se o mundo fosse "dado".

O tornar-se visível é ser cumprimentada e estabelecer uma relação amistosa e cordial com os usuários dos serviços de limpeza. Essas atitudes são importantes para as faxineiras, produzindo nessas profissionais um sentimento de pertencimento e aceitação social.

CONSIDERAÇÕES SOBRE INVISIBILIDADE SOCIOPROFISSIONAL NO ÂMBITO DO TRABALHO DE LIMPEZA

A invisibilidade socioprofissional reflete um sentimento de invisibilidade compartilhado pelos trabalhadores, quando não são reconhecidos por outros trabalhadores, ou agentes da estrutura social da qual fazem parte. É um sentimento de exclusão, insignificância ou inexistência experimentado pelo trabalhador (Tomás, 2008). Trata-se de uma construção social e psíquica que rebaixa olhares, abafa a voz, endurece o corpo e os movimentos dos sujeitos invisibilizados (Costa, 2008).

Ao refletir sobre as unidades de sentido encontradas na categorização, nota-se que na percepção das entrevistadas, a instituição em questão possui uma pirâmide social bem definida em níveis hierárquicos, conforme exposto na figura 1:

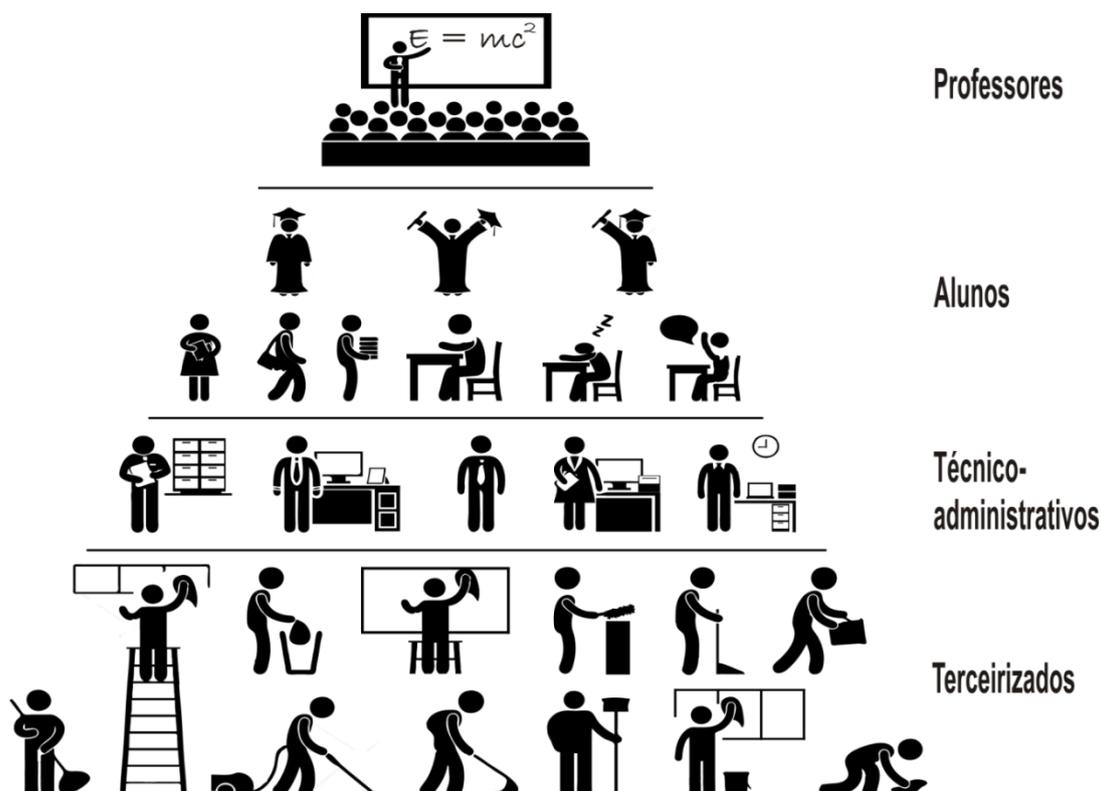


Figura 1. Pirâmide social do trabalho na organização estudada

Fonte: Elaborado pelos autores.

Nesse sentido, o grupo dos professores é composto por diretores de unidade, chefes de departamento, presidentes de colegiado e demais professores. O grupo dos alunos é composto por todos os discentes da instituição, entre pós-graduação e graduação. Por sua vez, o grupo dos técnicos administrativos é composto por todos os técnicos concursados, e na base da pirâmide está o grupo dos terceirizados, composto por vigilantes, motoristas, recepcionistas, faxineiras etc. Ao escutar a voz dessas trabalhadoras (que a sociedade torna invisíveis), neste estudo faz-se uma contribuição ao debate, pois possibilita descortinar novas possibilidades de entendimento sobre a temática.

A invisibilidade socioprofissional acontece quando os trabalhadores percebem a indiferença dos demais sujeitos que compõem a instituição, visualizando sua atividade como negativa e marginal. Isso acaba por legitimar as hierarquias que compõem uma organização, excluindo profissões que não possuem status, glamour ou poder (Celeguim & Roesler, 2009). Ninguém na organização deseja aquele local socioprofissional porque ele é sinônimo de falta de estudo e trabalho braçal. O resultado disso é a humilhação e o sentimento de invisibilidade por parte do profissional. Na figura 02 é possível observar tais aspectos.



Figura 2. Aspectos que fazem com que o serviço de limpeza ser pejorativamente visto

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na figura 3 representam-se tanto os sentimentos quanto aspectos periféricos da atividade de limpeza. Os sentimentos experimentados pelas trabalhadoras terceirizadas da limpeza são variados, como a indiferença por parte de algumas pessoas; a desvalorização, o trabalho ser considerado de menor valor (que por sua vez se torna o trabalho menos importante dentro da universidade); a estereotipação do trabalho de limpeza como algo eminentemente feminino, feito por pessoas com pouca instrução (Costa, 2008; Tomás, 2008; Vilhena, Zamora & Rosa, 2011).

Na percepção das trabalhadoras, não existe o estabelecimento de relações com os usuários de seus serviços. Além disso, têm-se as condições de trabalho precárias, sendo seus contratos frágeis e efêmeros, um emprego que emana de uma subcontratação (Ferreira, 2016). As atividades que essas trabalhadoras desempenham são relegadas a um plano secundário, acarretando uma posição social inferior. Com a ênfase em uma imagem social negativa de invisibilidade e humilhação social.

A síntese das unidades de sentido categorizadas encontra-se na figura 3, a seguir.



Figura 3. Manifestação do sentimento de invisibilidade socioprofissional

Fonte: Elaborado pelos autores.

A invisibilidade da qual falamos é socioprofissional, justamente porque perpassa pela divisão social do trabalho, mas vai além, sendo um fenômeno que se estende às relações sociais como um todo. Trabalhamos com uma perspectiva socioantropológica da invisibilidade para falar de um sujeito socialmente e historicamente construído. Se anulamos uma pessoa, ela se torna invisível por tudo aquilo que representa, ignorando o sujeito enquanto alguém carregado de subjetividade. Assim, sua singularidade desaparece, dissolvida pelo estigma imposto à sua identidade, pelo retrato estereotipado que lhe impusemos (Vilhena, Zamora & Rosa, 2011)

Fica perceptível que as entrevistadas sentem-se excluídas da pirâmide social da universidade, algumas usam o termo “cachorro” para ilustrar tal aspecto. Assim, tem-se que as faxineiras, primeiramente, visualizaram o seu trabalho de limpeza realizado na Universidade como um fator de interação com os três outros componentes da instituição: alunos, professores e técnicos administrativos. Observa-se que seu grupo de trabalho (talvez em virtude da terceirização) se encontra, para as elas, fora desses três componentes presentes na instituição federal de ensino superior.

Logo, a faxineira trabalha em um local, mas não se vê como parte dele. A construção do significado de seu trabalho passa, em um primeiro momento, pela interação mantida com as pessoas que se beneficiam da limpeza por elas efetuada e não pelo trabalho propriamente dito. Percebe-se que em relação aos alunos, as faxineiras não se sentem muito bem aceitas, apresentando um contato superficial. Os discentes, na maior parte das vezes, não reconhecem a presença das faxineiras nos ambientes da Universidade, e quando alguma interação ocorre, as colaboradoras afirmam sentir-se diminuídas.

Já no tocante ao relacionamento estabelecido com docentes, as faxineiras revelam se sentir mais reconhecidas, embora ocorram ainda manifestações de superioridade por parte de alguns, não cumprimentando, agradecendo ou valorizando seu trabalho. No

entanto, em termos de relacionamento de trabalho, a categoria que mais desagrada as faxineiras consiste nos técnicos administrativos que, talvez, por desempenharem atividades de caráter mais instrumental, sentem-se no direito de supervisionar e cobrar maior desempenho das faxineiras, atuando como se fossem chefes delas.

Em se tratando de educação nos ambientes da Universidade, as faxineiras pontuam que os usuários parecem fazer questão de produzir sujeira, pois não são eles que as limpam, mas sim pessoas que não estudaram e não têm outra opção para obter seu sustento. Logo, o trabalho da limpeza é sempre do outro. E quem seria esse outro? A comunidade universitária, que na visão dessas trabalhadoras, não as reconhece ou se preocupa com elas.

Na percepção das faxineiras, elas recebem um tratamento diferenciado, na medida em que são vistas como as executoras das tarefas do último escalão – em uma possível hierarquia do trabalho no instituto – a limpeza. Elas sofrem preconceito por se submeterem a limpar os restos e dejetos de outros. Em consequência, as faxineiras passam a também se significar como invisíveis, à margem daquele ambiente. Apesar de existir um consenso sobre a maior presença das mulheres neste tipo de trabalho, a questão do preconceito, exclusão, estigma e, por fim invisibilidade vivenciada pelas trabalhadoras não se deve, no instituto analisado, ao fato delas serem mulheres, mas ao fato de que o “trabalho sujo” é projetado na pessoa que trabalha. Existe invisibilidade, não por ser mulher, mas por representar socialmente a falta de estudo, a sujeira, o baixo escalão.

Um dos fatores que favorece essa exclusão e invisibilidade consiste no uso do uniforme, pois a pessoa que veste uma roupa associada à limpeza recebe um estigma social de não possuir formação acadêmica, sem opção de crescimento, um ser inferior, que fica segurando submissamente a vassoura enquanto as pessoas esclarecidas se

divertem e socializam em ambientes públicos. A faxineira simplesmente contempla as interações sociais, sem fazer parte delas.

A invisibilidade não é um fenômeno unicamente experimentado pelas mulheres da faxina. Druck (2013) ao analisar as greves dos trabalhadores terceirizados nas universidades públicas observou que tanto porteiros, vigias e faxineiros eram invisíveis no âmbito das universidades. Isto indica que mesmo em atividades entendidas como majoritariamente masculinas como porteiros e vigias, ainda sim os trabalhadores experimentam o fenômeno da invisibilidade.

Porém, ainda afirmando a existência de todo esse estigma (Costa, Fonseca & Oliveira, s. d.) e exclusão presente no “ser faxineira” na Universidade, essas trabalhadoras se mostram conformadas com o seu trabalho, pois alguém tem que limpar. Tem-se, assim, a frase conformista: *fazer o que [L03]?* Sobre esse manto do conformismo, as faxineiras seguem realizando o seu trabalho de uma forma natural e cotidiana, sempre observando o que se processa a sua volta, ainda que não pertença aquele ambiente. O conformismo e a invisibilidade fazem com que essa profissional atue sem ter reconhecimento do valor do seu trabalho e nem do seu valor enquanto pessoa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar a construção da invisibilidade no contexto do trabalho de limpeza nas organizações, de modo específico, em uma instituição pública de ensino superior. O quadro teórico utilizado perpassa pela invisibilidade social no trabalho, bem como no setor de limpeza combinado à elementos de terceirização e precarização do trabalho. A revisão de literatura auxiliou na análise dos dados, eles foram coletadas por meio de oito semiestruturadas com faxineiras lotadas em cinco diferentes unidades acadêmicas de uma Universidade Federal.

Nossos resultados demonstram uma invisibilidade socioprofissional que vai além da divisão social do trabalho e se estende às relações sociais em diversas esferas do cotidiano e da vida humana. Trabalhamos com uma perspectiva socioantropológica da invisibilidade para falar de um sujeito social e historicamente construído. Um sujeito historicamente situado por suas determinações sociais, que vivendo em sociedade assimila normas, regras, valores, comportamentos do grupo ou classe social ao qual pertence.

A análise permitiu a identificação das unidades de sentido: a) o olhar que não vê; b) o uniforme que invisibiliza; c) a vassoura e o balde ao invés do livro. A partir das unidades foi possível observar as percepções das faxineiras sobre o seu trabalho. Nota-se um profundo sentimento de exclusão da comunidade universitária, pois não se visualizam como pertencentes a esse universo. São pessoas presentes para limpar o recinto, mas pouco consideradas pelos demais agentes da estrutura no processo de estabelecimento das relações sociais.

A faxineira é uma funcionária indispensável para o ambiente permanecer confortável e agradável para as pessoas. Ao não serem vistas, se tornam uma parte comum do cenário, no caso deste trabalho, uma parte da estrutura física da universidade, um móvel, um animal ou até mesmo a sujeira, como relatam as entrevistadas. As funcionárias da limpeza reclamaram, por exemplo, das pessoas produzirem sujeira de forma exacerbada, pois não são elas que limpam. Logo, a tarefa dessas trabalhadoras, além de não ser reconhecida, por ora é dificultada por essa atitude. Mesmo assim, as faxineiras relatam trabalhar de forma natural e conformada, pois alguém tem que limpar a sujeira.

As implicações deste trabalho ajudam a refletir sobre as invisibilidades socioprofissionais que afligem muitas profissões desprovidas status, glamour e poder. Aos estudos organizacionais, em específico, contribui fomentando debates em torno

dos preconceitos atribuídos à determinadas classes de trabalho dentro das organizações. Ademais, este trabalho ajuda a refletir sobre o uso de uniformes, artefatos físicos, jargões e títulos que podem desencadear representações negativas sobre o outro e o seu trabalho, distinguindo-o pejorativamente.

A limitação deste estudo está em não abordar questões de gênero, práticas inclusivas de gestão que poderiam, de certo modo, ser uma possível alternativa para não vivenciar o preconceito, a exclusão e o estigma vivenciado pelas funcionárias da limpeza. Sugerimos como agenda de pesquisa a estudos futuros sobre invisibilidade no âmbito do trabalho, analisar e refletir questões de gênero e práticas inclusivas de gestão nas organizações. São questões que ficaram perceptíveis nesta pesquisa, mas por estarem além de seu escopo de investigação, não foram trabalhadas. Dessa forma, tal pesquisa não teve a pretensão de esgotar o tema, mas despertar possibilidades de debates sobre invisibilidades no âmbito do trabalho.

REFERÊNCIAS

Alcadipani, Rafael (2012). Invisíveis organizacionais. *GV-Executivo*, 11(1), 65.

Alvarez, Denise & Azevedo, Eliza R. F. (2016). O trabalho feminino na função de limpeza de prestadoras de serviço em uma instituição de ensino superior. *Revista Vianna Sapiens*, 7(1), 185-212.

Ashforth, Blake E. & Kreiner, Glen E. (1999). "How can you do it?" Dirty work and the challenge of constructing a positive identity. *Academy of Management Review*, 24(3), 413-434.

Azevedo, Eliza R. F. (2015). *Análise do trabalho e da saúde das mulheres que desempenham a função de limpeza no Polo Universitário de Volta Redonda*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil.

Bardin, Laurence. (2011). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bendassolli, Pedro F. & Falcão, Jorge T. R. (2013). Psicologia social do trabalho sujo: revendo conceitos e pensando em possibilidades teóricas para a agenda da psicologia nos contextos de trabalho. *Universitas Psychologica*, 12(4), 1153-1166.

Bosmans, Kim, Mousaid Sarah, Cuyper, Nele, Hardonk, Stefan, Louckx, Fred, & Vanroelen, Christophe. (2016). Dirty work, dirty worker? Stigmatisation and coping strategies among domestic workers. *Journal of Vocational Behavior*, 92, 54-67.

Bourdieu, Pierre (2015). *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk.

Caeiro, Mariana, Carvalho Neto, Antônio, & Guimarães, Ludmila V. M. (2016). A construção de sentido para o "trabalho sujo": trajetórias de vida de faxineiras. *Anais do Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais*, Porto Alegre, RS, Brasil, IV.

Campos, Claudinei J. G. (2004). Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 57(5), 611-614.

Carloto, Cassia M. (2003). Adoecimento no trabalho, as mulheres na categoria de asseio e limpeza. *Serviço Social em Revista*, 6(1), 39-46.

Carreiro, Teresa C. (2003). Sofrimentos sociais em debate. *Psicologia USP*, 14(3), 57-72.

Celeguim, Cristiane R. J. & Roesler, Heloísa M. K. N. (2009). A invisibilidade social no âmbito do trabalho. *Revista Interação*, 3(1), 1-19.

Chaves, Marjorie N. N. (2014). Terceirização dos serviços de limpeza: vivências de sofrimento de mulheres negras trabalhadoras diante do trabalho. *Anais do Simpósio Nacional sobre Democracia e Desigualdades*, Brasília, DF, Brasil, II.

Chillida, Manuela S. P. & Cocco, Maria I. M. (2004). Saúde do trabalhador & terceirização: perfil de trabalhadores de serviço de limpeza hospitalar. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 12(2), 271-276.

Costa, Fernando B. (2008). *Moisés e Nilce: retratos biográficos de dois garís: um estudo de psicologia social a partir observação participativa e entrevistas*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

Costa, Jônatas L., Fonseca Vanessa L., & Oliveira, Manuel N. A. (2009). *Invisibilidade social e suas representações subjetivas*. Goiânia: CAJ/UFG.

Cunha, Yuri R. (2015). *Terceirização e terceirizados: um estudo sobre os impactos objetivos e subjetivos da terceirização sobre trabalhadores terceirizados que atuam no setor de limpeza em escolas estaduais no Município de Marília-SP*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, Brasil.

Dantas, Marcos & Seto, Kenzo S. *Terceirizados e precarizados, novas vozes na universidade*. Recuperado em 10 abril, 2015, de: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/terceirizados-e-precarizados-novas-vozes-na-universidade-9490.html>.

DIEESE/CUT (2014). *Terceirização e desenvolvimento: uma conta que não fecha: dossiê acerca do impacto da terceirização sobre os trabalhadores e propostas para garantir a igualdade de direitos*. São Paulo: DIEESE/CUT.

Druck, Graça (2013). A terceirização no setor público e a proposta de liberalização da terceirização pelo PL 4330. *Jornal dos Economistas*, 291, 11-13.

Duarte, Felipe (2015). *Trajetórias e vivências de trabalhadoras terceirizadas da limpeza da Universidade Federal de Uberlândia (2011-2015)*. Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Brasil.

Elias, Norbert (1994). *O processo civilizador, volume 1: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Ferreira, Carlos A. F. (2016). *Terceirização e precarização do trabalho: um estudo de caso da limpeza em uma universidade pública do estado de Minas Gerais*. Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, Brasil.

Godoy, Claudia G. P., Mascarenhas, Mônica C. K., & Pinto, Sylvia R. C. F. (2007). *Ética e relações interpessoais entre servidores e terceirizados*. Trabalho de conclusão de curso, Fundação Instituto de Administração, Brasília, Brasil.

Goldenberg, Miriam (2004). *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Record.

Houaiss, Antônio, Villar, Mauro, & de Mello Franco, Francisco Manuel (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva.

Hughes, Everett C. (1962). Good people and dirty work. *Social Problems*, 10(1), 3-11.

Hughes, Everett. C. (1958). *Men and their work*. Glencoe: Free Press.

Hughes, Everett C. (1951). Work and the Self. In John H. Rohrer & Muzafer Sherif. *Social psychology at the crossroads* (pp. 313-323). New York: Harper & Brothers.

Irber, Beatriz G. C. S. (2016). *Trabalhadoras terceirizadas de limpeza e conservação da UnB: relatos de violências, invisibilidade e precarização*. Trabalho de conclusão de curso, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.

Lykawka, Liliane (2013). *O trabalho terceirizado: reconhecimento, valorização e satisfação*. Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

Martins, Joel & Bicudo, Maria A. V. B. (1989). *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Cortez.

Mendes, Rita C. L. O. (2009). *Os catadores e seletores de material reciclável: o social e o ambiental na lógica do capitalismo*. Tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, Brasil.

Moraes, Roque (1999). Análise de conteúdo. *Revista Educação*, 22(37), 7-32.

Morales, Lúcia A. (2010); Faxineiras em um campus universitário. *Anais do Seminário de Saúde do Trabalhador de Franca*, Franca, SP, Brasil, 7.

Mozzato, Anelise R. & Grzybovski, Denize (2011). Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios. *Revista de Administração Contemporânea*, 15(4), 731-747.

Nunes, Jordão H. (2014). Dilemas identitários no mundo dos serviços: da invisibilidade à interação. *Sociologias*, 16(35), 238-273.

Olabuenaga, José I. R. & Ispizua, María A. (1989). *La descodificación de la vida cotidiana: metodos de investigacion cualitativa*. Bilbao: Universidad de Deusto.

Recio, Albert & Godino, Alejandro (2011). *Invisible workers: quality of employment in the cleaning sector in Spain*. Vienna: Walqing Social Partnership Series.

Rodrigues, Gilson (2009). *(In)visibilidade social: o jogo dramático entre visibilidade e invisibilidade dos atores sociais*. Recuperado em 29 março, 2018 de: [http://www.enapet.ufsc.br/anais/IN VISIBILIDADE SOCIAL O JOGO DRAMATICO ENTRE VISIBILIDADE E INVISIBILIDADE DOS ATORES SOCIAIS.pdf](http://www.enapet.ufsc.br/anais/IN_VISIBILIDADE_SOCIAL_O_JOGO_DRAMATICO_ENTRE_VISIBILIDADE_E_INVISIBILIDADE_DOS_ATORES_SOCIAIS.pdf).

Saraiva, Luiz Alex S. Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social. *Revista de Administração Contemporânea*, 9(1), 244-245.

Sawaia, Bader B. (2002). O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In Bader Sawaia (Org.). *As artimanhas da exclusão. Análise psicossocial e ética da desigualdade social* (pp. 97-118). Petrópolis: Vozes.

Severo, Valdete S. (2015). Terceirização: o perverso discurso do mal menor. *Revista Trabalhista Direito e Processo*, 14(54), 170-188.

Silva, Obdália S. F. (2008). Os ditos e os não-ditos do discurso: movimentos de sentidos por entre os implícitos da linguagem. *Revista entreideias: educação, cultura e sociedade*, 13(14), 39-53.

Silveira, Amanda M., Domingos, Camila B. D., Lambertucci, Danielle B., Pacheco, Maria I. G. G., & Andrade, Tábatta J. M. (2016). Trabalho e terceirização: contexto dos serviços de limpeza na Faculdade de Direito e Ciências do Estado – UFMG. *Revive – Revista de Ciências do Estado*, 1(2), 187-211.

Souza, Eliane S. (2012). *A “maquiagem” do trabalho formal: um estudo do trabalho das mulheres terceirizadas no setor de limpeza na Universidade Federal da Bahia*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil.

Souza, Eliane S. (2010). A “maquiagem” do trabalho formal: um estudo do trabalho das mulheres terceirizadas no setor de limpeza na Universidade Federal da Bahia. *Anais do Seminário Nacional de Trabalho e Gênero: Associativismo, Profissões e Políticas Públicas*, Goiânia, GO, Brasil, III.

Souza, Tatiele P. (2011). *Identidade e subalternidade: a construção da identidade de trabalhadores serventes de limpeza*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil.

Tomás, Júlia C. S. P. (2008). A invisibilidade social, uma perspectiva fenomenológica. *Anais do Congresso Português de Sociologia*, Lisboa, Portugal, 6º.

Vilhena, Junia, Zamora, Maria H. R. N., & Rosa, Carlos M. (2011). Da lei dos homens a lei da selva. Sobre adolescentes em conflito com a lei. *Trivium*, 3(2), 27-40.

Yin, Robert K. (2005). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.

INVISIBILIDADES NO ÂMBITO DO TRABALHO DE LIMPEZA: UM ESTUDO EM UMA INSTITUIÇÃO FEDERAL DE ENSINO SUPERIOR

Resumo

Este trabalho teve como objetivo analisar a construção da invisibilidade no contexto do trabalho de limpeza nas organizações, de modo específico, em uma instituição pública de ensino superior. O quadro teórico utilizado perpassa pela invisibilidade social no trabalho, bem como no setor de limpeza combinado à elementos de terceirização e precarização do trabalho. Para tal, realizou-se uma pesquisa qualitativa, com entrevistas semiestruturadas com oito funcionárias do setor de limpeza de uma instituição de ensino superior. Utilizou-se a técnica de análise de conteúdo para analisar as comunicações. Como resultados tem-se a incidência de três categorias analíticas que resgatam o quadro teórico sobre invisibilidade: a) o olhar que não vê; b) o uniforme que invisibiliza; c) a vassoura e o balde ao invés do livro. Trabalhamos com uma perspectiva socioantropológica da invisibilidade para falar de um sujeito social e historicamente construído, sendo esta a nossa maior contribuição teórica, empírica e social.

Palavras-chave

Invisibilidade. Invisibilidade socioprofissional. Trabalho de limpeza.

INVISIBILIDADES EN EL ÁMBITO DEL TRABAJO DE LIMPIEZA: UN ESTUDIO EN UNA INSTITUCIÓN FEDERAL DE ENSEÑANZA SUPERIOR

Resumen

Este trabajo tuvo como objetivo analizar la construcción de la invisibilidad en el contexto del trabajo de limpieza en las organizaciones, de modo específico, en una institución pública de enseñanza superior. El marco teórico utilizado pasa por la invisibilidad social en el trabajo, así como en el sector de limpieza combinado a elementos de tercerización y precarización del trabajo. Para ello, se realizó una investigación cualitativa, con entrevistas semiestructuradas con ocho funcionarias del sector de limpieza de una institución de enseñanza superior. Se utilizó la técnica de análisis de contenido para analizar las comunicaciones. Como resultados se tiene la incidencia de tres categorías analíticas que rescatan el cuadro teórico sobre invisibilidad: a) la mirada que no ve; b) el uniforme que invisibiliza; c) la escoba y el cubo en lugar del libro. Trabajamos con una perspectiva socioantropológica de la invisibilidad para hablar de un sujeto social e históricamente construido, siendo ésta nuestra mayor contribución teórica, empírica y social.

Palabras clave

Trabajadores invisibles. Universidad Federal. Limpieza. Aseo. Mujeres.

INVISIBILITIES IN THE SCOPE OF CLEANING WORK: A STUDY IN A PUBLIC UNDERGRADUATE INSTITUTION

Abstract

This work aimed to analyse the construction of invisibility in the context of cleaning work in organisations, precisely, in a public institution of undergraduate education. The theoretical framework used is social invisibility at work, as well as in the cleaning sector combined with elements of outsourcing and precariousness of work. Therefore, qualitative research was conducted, with semi-structured interviews with eight employees of the cleaning sector of a higher education institution. The content analysis technique was used to analyse communications. As results we have the incidence of three analytical categories that rescue the theoretical framework on invisibility: a) the look that does not see; b) the uniform that invisibilizes; c) the broom and the bucket instead of the book. We work with a socio-anthropological perspective of invisibility to speak of a social and historically constructed subject, this being our greatest theoretical, empirical and social contribution.

Keywords

Invisibility. Socio-professional invisibility. Cleaning work.

CONTRIBUIÇÃO

Daiane de Lourdes Martins

Contribuiu com a coleta de dados, com o tratamento de dados e com redação preliminar e sintética do texto.

Diego Luiz Teixeira Boava

Contribuiu com a supervisão da coleta de dados, o acompanhamento e síntese do tratamento de dados e com esboço geral do texto.

Fernanda Maria Felicio Macedo

Contribuiu com a revisão teórico-metodológica, com a revisão da estrutura e com o conteúdo do texto.

Jussara Jéssica Pereira

Contribuiu com a revisão da literatura à luz dos dados e com o acompanhamento da análise de dados.

AGRADECIMENTOS

-

DECLARAÇÃO DE INEDITISMO

Es autores declaram que a contribuição é inédita.

CONFLITO DE INTERESSES

Es autores declaram não haver conflito de interesses.

COMO CITAR ESTA CONTRIBUIÇÃO

Martins, Daiane L., Boava, Diego L. T., Macedo, Fernanda M. F. & Pereira, Jussara J. (2019). Invisibilidades no âmbito do trabalho de limpeza: um estudo em uma instituição federal de ensino superior. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 6(17), 994-1034.